

A RELIGIÃO ENTRE OS GREGOS E O ATEÍSMO PRÁTICO À LUZ DO SALMO 14

*Hermisten Maia Pereira da Costa**

RESUMO

Costa analisa a religião entre os gregos, demonstrando a ausência de ateísmo comprovado, sendo este considerado uma “doença”. À luz do Salmo 14, analisa a origem do ateísmo e algumas de suas características e implicações intelectuais, espirituais e éticas. Uma das conclusões é que se todo o conhecimento parte de Deus, a negação de sua existência gerará, inevitavelmente, um distúrbio intelectual que afetará a nossa capacidade de conhecer o significado ontológico das coisas e, portanto, existencial do real. Sem Deus a vida é nula de sentido. Adverte-nos também quanto ao perigo de um ateísmo prático cometido pelos cristãos e a certeza de que o universo no qual vivemos tem um Deus atento que dirige a história de forma santa, justa e misericordiosa.

PALAVRAS-CHAVE

Ateísmo; Conhecimento de Deus; Religião; Religiosidade grega; Ética.

INTRODUÇÃO: A RELIGIÃO DE TODOS NÓS

“Ainda uma vez, antes de prosseguir
e deitar o olhar para diante,
ergo, na minha soledade, as mãos
para ti, em quem me refugio,
a quem no mais fundo do coração
consagrei solenemente altares,
para que em todos os tempos
não cesse de chamar-me a tua voz.

* O autor é ministro da igreja Presbiteriana do Brasil e integra a equipe de pastores da 1ª Igreja Presbiteriana em São Bernardo do Campo, SP. É mestre e doutor em Ciências da Religião.

Depois se acende, gravada profundamente,
a palavra: ao Deus desconhecido!
A ele pertença, ainda que entre a turba dos malfeitores
eu tenha até agora permanecido.
A ele pertença, embora sinta os laços
que, em meio ao combate, me puxam para baixo
e que, embora eu tente subtrair-me,
me arrastam para o seu serviço.

Quero conhecer-te, ó Desconhecido
que penetras até o centro de minha alma,
que atravessas minha vida como uma tormenta,
incompreensível, aparentado comigo.
Desejo conhecer-te, e, inclusive, servir-te”

(F. Nietzsche –1844-1900).¹

J. J. Rousseau (1712-1778), em seu *Contrato social*, afirma que “nenhum povo já perdurou ou perdurará sem religião; se não tiver recebido uma crença religiosa, teria que criá-la para não ser destruído em pouco tempo”.² De fato, a Religião é um fenômeno universal. A Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, a Arqueologia e a História, entre outras ciências, têm demonstrado de forma convincente que a religião está presente em todas as culturas antigas e modernas. Por isso, podemos falar do homem como sendo um ser religioso.³ O homem procura desesperadamente um significado para a sua vida, tentando encontrar um equilíbrio entre os seus extremos existenciais: a vida e a morte, o ser e o nada, a ordem e o caos. Dentro desta perspectiva, o caminho religioso é quase que invariavelmente seguido pelo homem na busca de significado para o seu existir. A experiência religiosa é universal, assumindo características pessoais e, ao mesmo tempo, universais. Do mesmo modo que minha experiência é particular e pessoal, ela tem em si os mesmos ingredientes da experiência

¹ NIETZSCHE, F. Ao Deus desconhecido. Poesia escrita quando Nietzsche tinha menos de vinte anos. Apud SIEGMUND, Georg. *O ateísmo moderno: história e psicanálise*. São Paulo: Loyola, 1966, p. 264.

² ROUSSEAU, J. J. *Sobre o contrato social (primeira versão)*. In: *Rousseau e as relações internacionais*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, III.1, p. 167. Esta versão esboçada, *Manuscrito de Genebra*, é de 1761. Na versão definitiva, publicada em 1762, a questão da religião civil é tratada no capítulo IV. Ver: ROUSSEAU, J. J. *O contrato social e outros escritos*. São Paulo: Cultrix, 1975, IV.8, p. 126-134.

³ “É uma verdade indiscutível que o sentimento religioso é conatural ao ser humano, pois não existe nenhuma sociedade primitiva ou civilizada, que não acredite em seres sobrenaturais ou que não pratique alguma forma de culto”. D’ONOFRIO, Salvatore. *Metodologia do trabalho intelectual*. São Paulo: Atlas, 1999, p. 13. Geisler e Feinberg dizem que o “o homem é incuravelmente religioso”. GEISLER, Norman L.; FEINBERG, Paul D. *Introdução à filosofia: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 269, 278. Do mesmo modo: NASH, Ronald H. *Questões últimas da vida: uma introdução à filosofia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 19.

do outro: todos desejam o mesmo equilíbrio, ainda que não pelos mesmos caminhos e com nomes diferentes. A religião é um apanágio do ser humano.

O grande etnólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942), inicia o seu livro *Magia, ciência e religião* com esta afirmação: “Não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia”.⁴

Na Antiguidade, Cícero (106-43 a.C.), Plutarco (50-125 AD) e outros constataram este fato. Cícero observou que não há povo tão bárbaro, não há gente tão brutal e selvagem, que não tenha em si a convicção de que há Deus.⁵ Calvino (1509-1564) acentua que

... a aparência do céu e da terra compele até mesmo os ímpios a reconhecerem que algum criador existe. (...) Certamente que a religião nem sempre teria florescido entre todos os povos, se porventura as mentes humanas não se persuadissem de que Deus é o Criador do mundo.⁶

Em outro lugar: “Portanto, até os próprios ímpios são para exemplo de que vige sempre na alma de todos os homens alguma noção de Deus”.⁷

Mas, o que significa religião? Ainda que não possamos responder a questão apenas pela simples explicação da palavra, acreditamos que esta pode fornecer-nos algumas pistas. A palavra “religião” é de origem incerta. Cícero associa a palavra ao verbo latino “*relegere*” (reler, ler com cuidado).⁸ Ele assim explicou:

Aqueles que cumpriam cuidadosamente com todos os atos do culto divino e por assim dizer os reliam atentamente foram chamados de religiosos de *relegere*, como elegantes de *eligere*, diligentes de *diligere*, e inteligentes de *intellegere*; de fato, nota-se em todas estas palavras o mesmo valor de *legere* que está presente em religião.⁹

Deste modo, a religião seria o estudo diligente acompanhado da observância das coisas que pertencem aos deuses.¹⁰

⁴ MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições Setenta, (s.d.), p. 19.

⁵ Ver: CICERO. *The Nature of the Gods*. England: Penguin Books, 1972, I.17; II.4.

⁶ CALVINO, João. *Exposição de Hebreus*. São Paulo: Parakletos, 1997, (Hb 11.3), p. 299. Em outro lugar: “... tão belo é seu arranjo [dos céus], e tão excelente sua estrutura, que todo seu arcabouço é declarado como o produto das *mãos de Deus*”. CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Parakletos, 2002, v. 3, p. 585 (Sl 102.25).

⁷ CALVINO, João. *As Institutas*. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1985-1989, I.3.2.

⁸ CICERO, *The Nature of the Gods*, II.72-74. p. 152-153.

⁹ *Ibid.*, II.28.

¹⁰ Cf. Religio. In: MULLER, Richard A. *Dictionary of Latin and Greek theological terms*. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1985, p. 262.

No entanto, a explicação mais famosa relaciona a origem da palavra a “*religio*” e “*religare*” (religar) trazendo a ideia embutida de “religar-se com Deus”. Essa explicação encontra-se em Lactânio (c. 240-c. 320) – *Divinae Institutiones*, e em Agostinho (354-430) – *De civitate Dei*¹¹ e *De vera religione*.¹²

Lactânio, que discorda da explicação de Cícero, diz: “Nós dissemos que o nome religião (*religionis*) é derivado do vínculo de devoção, porque Deus ligou o homem a Ele, e o prende por devoção; porque nós O temos que servir como um mestre, e ser-Lhe obedientes como a um pai”.¹³

Agostinho, após falar do que não devemos adorar, afirma: “Que a nossa religião nos ligue, pois, ao Deus único e onipotente”.¹⁴

Thomas Hobbes (1588-1679), em 1651, vai um pouco além, concluindo que a religião é exclusividade do ser humano:

Verificando que só no homem encontramos sinais, ou frutos da *religião*, não há motivo para duvidar que a semente da *religião*¹⁵ se encontra também apenas no homem, e consiste em alguma qualidade peculiar, ou pelo menos em algum grau eminente dessa qualidade, que não se encontra em outras criaturas vivas.¹⁶

1. OS DEUSES ESTÃO ENTRE NÓS

Na Antiguidade, desenvolveu-se em Mileto, antiga capital da Jônia, a primeira escola filosófica grega (VII-VI séc. a.C.), a Escola Jônica. A sua preocupação característica era conhecer *de que* as coisas são constituídas, o seu princípio material e concreto.¹⁷ O primeiro personagem conhecido foi Tales de Mileto (c. 640-547 a.C.), considerado o pai da filosofia grega e de toda a filosofia ocidental. A sua frase célebre é “todas as coisas estão cheias de deuses” (“*πάντα πλήρη θεῶν*”).¹⁸

Werner Jaeger (1881-1961) observa que a declaração de Tales apresenta uma concepção teológica diferente da então dominante:

¹¹ AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. 2ª ed. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Federação Agostiniana Brasileira, 1990, (parte I), X.3. p. 373. Ver também *Ibidem*, X.32. p. 410-414.

¹² AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987.

¹³ LACTANTIUS, *The Divine Institutes*, IV.28. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Orgs.). *Ante-Nicene fathers*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, ©1994, v. VII, p. 131.

¹⁴ SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987, 55, p. 145.

¹⁵ Expressão já utilizada por Calvino (ver *As Institutas*, I.5.1).

¹⁶ HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Os Pensadores, v. XIV. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 69.

¹⁷ Ver: KLIMKE, Federico; COLOMER, Eusebio. *Historia de la filosofía*. 3ª ed. Barcelona: Editorial Labor, 1961, p. 20.

¹⁸ Ver: PLATÃO. *As Leis*. Bauru, SP: Edipro, 1999, X, 899b, p. 418; ARISTÓTELES. *De Anima*. São Paulo: Editora 34, 2006, I.5, 411a7, p. 68; ARISTÓTELES. *Metafísica*. Os Pensadores, v. IV. São Paulo: Abril Cultural 1973, I.3. 983b, p. 216-217.

Os deuses de Tales não vivem aparte, em alguma região remota e inacessível, senão que tudo, isto é, todo esse mundo que nos rodeia familiarmente e que nossa razão toma com tanta tranquilidade, está cheio de deuses e dos efeitos do seu poder. Esta concepção não deixa de ser paradoxal, pois pressupõe claramente que cabe experimentar estes efeitos e experimentá-los em uma forma nova: tem que ser algo que possa ver-se com os olhos e conhecer-se com as mãos. Já não necessitamos andar buscando figuras míticas dentro ou detrás da realidade dada, para compreender que esta é uma cena onde exercem seus poderes mais altos.¹⁹

Na Antiguidade não era raro ou anormal um homem ser chamado “filho de deus”. O mundo estava cheio de homens considerados divinos, semideuses e heróis nascidos de “casamentos” dos deuses com os mortais. Tais homens se diziam filhos de deus e, por isso, eram em alguns casos até mesmo adorados, como manifestações da divindade. Mesmo o Novo Testamento apresenta alguns indícios deste costume entre os pagãos (At 8.9-11; 12.21,22; 14.11,12; 28.6).

O episódio narrado por Lucas em Atos 14.8-18 ilustra bem a crença do povo. E, neste caso, há algo curioso: Júpiter e Mercúrio, os quais foram identificados pelo povo como sendo respectivamente Barnabé e Paulo (At 14.12), eram associados à região pela literatura latina. Ovídio (42 a.C.-18 d.C.), em sua obra principal, *Metamorfoses*, narra que um pobre casal, Filemon e Báucis, hospedou em sua humilde casa Júpiter e Hermes (=Mercúrio), que vieram à sua cidade disfarçados de mortais à procura de uma hospedagem, e que não conseguiram pousada em nenhuma das mil casas da região, exceto na deles. Filemon e Báucis, por este ato de hospitalidade, conta-nos Ovídio, foram recompensados sendo poupados do dilúvio que destruiu as casas de seus vizinhos não hospitaleiros, tendo, inclusive, num ato simultâneo a sua pequena casa transformada num templo e, a seu pedido, receberam a incumbência de serem sacerdotes e guardiões do santuário de Júpiter. Também, conforme solicitaram, Filemon e Báucis morreram juntos.²⁰

Esta lenda, que já era bem conhecida nos tempos de Paulo e Barnabé, esclarece porque tão prontamente o povo os identificou com tais divindades após o milagre realizado por Deus por meio deles. Além disso, a ideia de que as divindades assumiam temporariamente uma forma humana já fazia parte da religiosidade do povo. Homero, o grande poeta grego, em sua *Odisséia*, escrita por volta do séc. IX a.C., registrou: “Os deuses tomam às vezes a figura de estrangeiros, vindos de longes terras e, sob aspectos diversos, vão de

¹⁹ JAEGER, Werner. *La teología de los primeros filósofos griegos*. 3ª reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 28. Ver os comentários de GILSON, Étienne. *Deus e a filosofia*. Lisboa: Edições 70, (2003), p. 19ss.

²⁰ Ver: OVÍDIO. *As metamorfoses*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1983, Livro VIII, p. 214-216.

cidade em cidade, a fim de ficarem conhecendo quais os homens soberbos e quais os justos”.²¹

Em outra passagem, na mesma obra, Homero narra como a deusa Palas Atena, filha de Zeus (= Júpiter), se aproximou em determinado momento do seu protegido Ulisses: “Dele se abeirou Atena, sob o aspecto de um adolescente pastor de ovelhas, gentil como são os filhos dos príncipes, os ombros recobertos de dupla e fina capa, trazendo nos pés reluzentes sandálias e na mão um cajado”.²²

Ulisses, no diálogo que se sucede após a identificação da deusa, diz: “Deusa, quando te aproximas de um mortal, muito dificilmente este te reconhecerá, por hábil que seja, porque tomas todos os aspectos”.²³

O fato é que na Antiguidade a história estava repleta de intervenções divinas e, de certa forma, o povo era governado pela divindade, visto que, especialmente no Oriente, o rei era tido como filho de algum deus. No Egito, o monarca reinante era considerado divino, sendo concebido como uma geração física do deus supremo, chamado Ré; o rei era uma espécie de epifania (manifestação) do próprio deus. Na Arábia, o rei era adorado como se fosse deus. Para os sumerianos, babilônios e árabes, o rei era visto como filho adotivo de um ou de vários deuses.

Os colonizadores gregos, em suas conquistas chefiados por Filipe da Macedônia (c. 382-336 a.C.) e posteriormente por seu filho Alexandre, o Grande (356-324 a.C.), assimilaram tais ideias, mesclando-as com sua mitologia tradicional, que por si só já era bastante complexa. Dentro deste sincretismo religioso, encontramos o imperador romano sendo chamado de *Divi Filius*. Os gregos criam que muitos homens descendiam fisicamente dos deuses; a ascendência divina é que determinava a existência dos reis, filósofos, sacerdotes e justos.

Tais crenças proliferavam, assumindo particularidades em cada cidade e até mesmo em cada família, crescendo ainda mais o número de divindades, sendo somado a isto um processo intenso de “canonização” dos homens.²⁴

Havia também homens que eram considerados como que possuidores de habilidades divinas para realizarem milagres, sendo chamados de homens divinos. Existiam os círculos dos “espirituais” que entendiam que uma pessoa podia tornar-se divina mediante o desenvolvimento do conhecimento de Deus. Em síntese, a idéia de filho de deus refletia uma confusão existente no conceito

²¹ HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, XVII, p. 162.

²² Ibid., XIII, p. 123.

²³ Ibid., XIII, p. 125.

²⁴ Ver: FUSTEL DE COULANGES, N. D. *A cidade antiga*. São Paulo: Hemus, 1975, p. 117-118.

de divindade e humanidade, acarretando, via de regra, uma diminuição da ideia de deus e, também, por outro lado, uma elevação do homem.

2. A “DOENÇA DO ATEÍSMO”

“Sempre que a ignorância se faz presente, também está presente uma medonha cegueira” – João Calvino.²⁵

Na Grécia antiga, *ateísmo*,²⁶ na realidade “*impiedade*” (ἄσεβεια) para com os deuses²⁷ era a acusação comum feita àqueles que fizessem crítica à religião predominante, sendo descuidados para com as suas obrigações rituais. Este comportamento era considerado antissocial.²⁸ Se a pessoa fosse pública ou influente, essa acusação poderia servir como forma de vingança ou para desacreditá-la diante da opinião pública. O caso mais conhecido é o do filósofo

²⁵ CALVINO, João. *Gálatas*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 127 (Gl 4.8).

²⁶ No grego clássico existiam os termos ἄθεος (“sem deus” ou “abandonado pelos deuses”; cf. Liddell & Scott; Bauer; Ef 2.12) e ἄθεότης (“irreligiosidade”, “incredulidade”, “impiedade”). A palavra *ateísmo* surgiu apenas no século XVI, sendo usada pela primeira vez em francês (*athéisme*) e posteriormente em inglês (*atheism*), por Miles Coverdale (1488-1569). A Bíblia traduzida por ele foi a primeira edição completa das Escrituras impressa em inglês (04/10/1535). Em francês a palavra é empregada para se contrapor a outra palavra, também nova, deísmo, criada pelos socinianos, que não queriam que seu pensamento fosse confundido com o pensamento ateu. Cf. Deísmo. In: LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 236. É neste sentido que o teólogo calvinista Pierre Viret (1511-1571), amigo e correspondente de Calvino, usou a expressão em 1564: “Há vários que confessam que acreditam que existe um Deus e uma Divindade, como os Turcos e os Judeus. Ouvi dizer que há nesse bando aqueles que se chamam Deístas, uma palavra totalmente nova que eles querem opor ao Ateísmo”. VIRET, P. *Instruction chrétienne*. Apud Deísmo. In: LALANDE, *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*, p. 236. Em português a palavra também é datada do século XVI (ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Atheist#cite_note-12 (acesso em 17/10/11); MOHLER JR., R. Albert. *Ateísmo remix: um confronto cristão aos novos ateístas*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009, p. 21-22; Ateísmo. In: MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000, v. I, p. 213; Dios. In: COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. 6ª reimpressão. Madrid: Editorial Gredos, 2007, v. 2, p. 498-500.

²⁷ No grego clássico a palavra não era reservada apenas ao conteúdo religioso; tinha um emprego mais amplo, envolvendo a conduta (conteúdo ético). Platão, por exemplo a emprega no sentido de “impiedade (...) para com os deuses e para com os pais” (PLATÃO. *A república*. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, 615c), desprezo para com os homens (*A república*, 391c). Ver diversos exemplos em: FOERSTER, W., ἄσεβής, etc., in: FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard (Orgs.). *Theological dictionary of the New Testament*. 8ª ed. Reprinted. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans 1982, v. VII, p. 185-187. Consulte também: GÜNTHER, W. Piedade. In: Colin Brown (Ed. Ger.). *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, v. III, p. 544-547. No Novo Testamento a palavra tem o emprego comum de impiedade: Rm 1.18; 11.26; 2Tm 2.16; Tt 2.12; Jd 15,18.

²⁸ Quanto à progressiva distinção entre ἄθεότης e ἄσεβεια, ver: FOERSTER, W. ἄσεβής, etc. In: FRIEDRICH, G.; KITTEL, Gerhard (Orgs.). *Theological dictionary of the New Testament*, v. VII, p. 186.

Sócrates (469-399 a.C.), que, entre outras acusações, recebeu a de “... não crer nos deuses em que o povo crê e sim em outras divindades novas”.²⁹

Mas, na realidade – apesar de listas antigas de “ateus” gregos,³⁰ cuja crença é qualificada por Platão (427-347 a.C.) como “doença”³¹ – tem sido extremamente difícil provar além de qualquer contestação que algum pensador grego tivesse sido ateu “puro”. No entanto, o que acontecia era coisa diferente: apesar do paganismo grego da Antiguidade ser cheio de lendas e superstições, de quando em quando alguns pensadores se levantavam contra as crenças e costumes populares, declarando algo de relevo. Muitas das críticas estavam relacionadas – ainda que não solitariamente – à fragilidade moral dos deuses tão candidamente descrita nas obras de cunho histórico-religioso e que dominava a mente dos povos.³² Encontramos, por exemplo, a percepção de que os homens tendiam a fazer seus deuses à sua imagem e semelhança. Aliás, esta é uma característica do ser humano, projetando o seu mundo a partir de si mesmo,³³ dando uma espécie de “troco” a Deus. Calvino diz que o homem pretende usurpar o lugar de Deus: “Cada um faz de si mesmo um deus e virtualmente se adora, quando atribui a seu próprio poder o que Deus declara pertencer-lhe exclusivamente”.³⁴ No entanto, a compreensão de Calvino a respeito do homem crente permanece: “O coração fiel não inventa um deus a seu gosto, mas põe a sua atenção no único Deus verdadeiro, e não Lhe atribui o que Lhe parece bom, mas se alegra com o que de Deus Lhe é revelado”.³⁵ E: “O único fundamento de toda a religião é a imutável verdade de Deus”.³⁶

²⁹ PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Os Pensadores, v. II. São Paulo: Abril Cultural, 1972, 24b-c, p. 17. Ver: LACOSTE, Jean-Yves. Atéismo. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 204-205. Evidentemente, há inúmeros outros casos. Outro bem conhecido é o do Diágoras de Melos (c. 465-410 a.C.) – aliás, em todas as menções feitas ao seu nome, aparece o apelido “o ateuista” –, discípulo de Demócrito que foi acusado de impiedade quando ensinava em Atenas (411 a.C.) devido ao seu suposto ateísmo. Ver: CÍCERO, *The nature of the Gods*, I.1. p. 69; III.88-90, p. 232; GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 220-221.

³⁰ Cf. GUTHRIE, *Os sofistas*, p. 220-221. Ver: CÍCERO, *The nature of the Gods*, I.1; CALVINO, *As Institutas*, I.3.3.

³¹ Platão usa a expressão: “doença do ateísmo” (*Leis*, p. 357-358, 402). O capítulo X de sua obra é dedicado à defesa da religião, combatendo algumas formas de ateísmo. Ver um bom resumo desse capítulo em: Atéismo, ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 82-83.

³² Ver alguns exemplos de insatisfação em: GUTHRIE, *Os sofistas*, p. 212ss.

³³ “O homem em geral, e o homem primitivo em particular, tem tendência para imaginar o mundo exterior à sua imagem” (MALINOWSKI, *Magia, ciência e religião*, p. 20).

³⁴ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 3, p. 549 (SI 100.1-3).

³⁵ CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, v. 1 (I.1), p. 61.

³⁶ CALVINO, João. *As pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 303 (Tt 1.2).

3. CRÍTICOS DA RELIGIÃO GREGA PREDOMINANTE

Entre os filósofos da Antiguidade que souberam criticar com discernimento as práticas religiosas do seu tempo, destacamos Xenófanes (c. 570-c.460 a.C.), Heráclito (c. 540-480 a.C.) e Empédocles (c. 495-455 a.C.).

Xenófanes faz uma crítica mordaz a Homero e Hesíodo, dizendo:

Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo o que para os homens é opróbrio e vergonha: roubo, adultério e fraudes recíprocas.

Como contavam dos deuses muitíssimas ações contrárias às leis: roubo, adultério e fraudes recíprocas.

Mas os mortais imaginam que os deuses são engendrados, têm vestimentas, voz e forma semelhantes a eles.

Tivessem os bois, os cavalos e os leões mãos, e pudessem, com elas, pintar e produzir obras como os homens, os cavalos pintariam figuras de deuses semelhantes a cavalos, e os bois semelhantes a bois, cada (espécie animal) reproduzindo a sua própria forma.

Os etíopes dizem que os seus deuses são negros e de nariz chato, os trácios dizem que têm olhos azuis e cabelos vermelhos.³⁷

Xenófanes propunha uma visão aparentemente próxima ao monoteísmo ou, pelo menos, um “politeísmo não antropomórfico”,³⁸ mas, ainda assim, cosmológico, identificando, conforme pontua Aristóteles, o uno, ou seja, o universo,³⁹ como sendo Deus.⁴⁰ Xenófanes escreve: “Um único deus, o maior entre deuses e homens, nem na figura, nem no pensamento semelhante aos mortais”.⁴¹ Na realidade, Xenófanes destaca um deus supremo acima dos demais deuses e dos homens.⁴²

Reale e Antiseri acentuam que “depois das críticas de Xenófanes, o homem ocidental poderá nunca mais conceber o divino segundo formas e medidas *humanas*”.⁴³

³⁷ XENÓFANES, *Fragmentos*, 11-16. In: BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os filósofos pré-socráticos*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 32. Mais tarde, um escritor cristão do segundo século, fazendo uma apologia do cristianismo – que estava sendo severamente perseguido durante o reinado de Adriano (117-138 AD), a quem destina o seu escrito –, critica o politeísmo grego. Ver: ARISTIDES DE ATENAS, *Apologia*, I.8-9. In: *Padres Apologistas*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 43-45.

³⁸ GUTHRIE, *Os sofistas*, p. 211.

³⁹ Ver: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990, v. 1, p. 49.

⁴⁰ ARISTÓTELES, *Metafísica*. Os Pensadores, v. IV. São Paulo: Abril Cultural, 1973, I.5, p. 223.

⁴¹ XENÓFANES, *Frag.*, 23.

⁴² Cf. GILSON, Étienne. *O espírito da filosofia medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 55.

⁴³ REALE e ANTISERI, *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*, v. 1, p. 48.

Heráclito – a quem, junto com Sócrates, Justino considera cristão antes de Cristo⁴⁴ – ridiculariza o antropomorfismo e a idolatria da religião contemporânea, dirigindo sua crítica à prática do sacrifício como meio de purificação e às orações feitas às imagens:

Em vão procuram purificar-se, manchando-se com novo sangue de vítimas, como se, sujos com lama, quisessem lavar-se com lama. E louco seria considerado se alguém o descobrisse agindo assim. Dirigem também suas orações a estátuas, como se fosse possível conversar com edifícios, ignorando o que são os deuses e os heróis.⁴⁵

Talvez isto revele o que Heráclito expressa no *Fragmento* 79: “O homem é infantil frente à divindade, assim como a criança frente ao homem”. Todavia devemos ressaltar que ele não era irreligioso, apenas discordava da prática religiosa que via.⁴⁶

Heráclito, fugindo da idéia de fatalismo, entendia que o homem é responsável pelos seus atos. Portanto, afirma: “O caráter é para o homem um demônio” (δαίμων) (Frag., 119).⁴⁷

Empédocles fala do privilégio de se conhecer a Deus, que é um ser espiritual:

Bem aventurado o homem que adquiriu o tesouro da sabedoria divina; desgraçado o que guarda uma opinião obscura sobre os deuses.

Não nos é possível colocar [a divindade] ao alcance de nossos olhos ou de apanhá-la com as mãos, principais caminhos pelos quais a persuasão penetra o coração do homem.

Pois o seu corpo [da divindade] não é provido de cabeça humana; dois braços não se erguem de seus ombros, nem tem pés, nem ágeis joelhos, nem partes cobertas de cabelos; é apenas um espírito; move-se, santo e sobre-humano, e atravessa todo o cosmos com rápidos pensamentos.⁴⁸

⁴⁴ JUSTINO DE ROMA. *I Apologia*. São Paulo: Paulus, 1995, 46.3, p. 61-62.

⁴⁵ HERÁCLITO, *Frag.*, 5. Ver também: *Frag.*, 14.

⁴⁶ HERÁCLITO, *Frag.*, 14/67.

⁴⁷ Lembremo-nos que para os gregos o homem ao nascer está ligado a um δαίμων (“deus”, “deusa”, “poder divino”, “destino”, “sorte”) e que este determina o seu destino para o bem ou para o mal. Notemos que a palavra grega para felicidade é εὐδαιμονία (bom demônio). No fragmento de Heráclito, ele parece estar criticando a concepção prevalecente de “destino”, trazendo para o homem a responsabilidade de sua conduta. Ver: PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos*: um léxico histórico. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 47-48. Kirk e Raven comentam: “δαίμων significa aqui simplesmente um destino pessoal do homem; este é determinado pelo seu próprio caráter, sobre o qual o homem tem um certo domínio, e não por poderes externos e frequentemente caprichosos que atuam, talvez, através de um ‘gênio’ atribuído a cada indivíduo pelo acaso ou Sorte” (KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 216-217). Para um estudo mais detalhado sobre este tema, ver: COSTA, Hermisten M. P. *O conceito de demônio em Heráclito de Éfeso*. São Paulo, 2007.

⁴⁸ EMPÉDOCLES, *Fragmentos*, 132-134. In: BORNHEIM, *Os filósofos pré-socráticos*, p. 80-81.

Na história grega, o século V a.C. costuma ser denominado o “Século de Ouro” ou “Século de Péricles”. Dá-se neste período o grande desenvolvimento democrático de Atenas. As assembléias e tribunais dependiam da habilidade retórica dos seus participantes. O discurso era o meio mais eficaz de adquirir influência, poder e honrarias ou de se defender dos inimigos. A Retórica adquiriu um “status” de inigualável arma política, assegurando a vitória a quem soubesse usá-la melhor.⁴⁹

Este século é marcado por profundas modificações. A vitória nas guerras médicas, quando foram expulsos os invasores persas das terras helênicas [Maratona (490),⁵⁰ Salamina (480)⁵¹ e Platéia (479)⁵²], trouxe prosperidade no comércio, aumento de sua riqueza e, sobretudo, desenvolvimento e esplendor da sua cultura. Péricles (499-429 a.C.) deu uma constituição democrática a Atenas, e a vida política e civil da cidade tomou novos aspectos, despertando um novo interesse intelectual. A preocupação com o mundo que foi característica das épocas anteriores cede lugar agora à preocupação com o homem. Neste contexto surgiram os sofistas, fecundos oradores, retóricos e fundamentalmente pedagogos que tinham como meta a educação dos nobres, especialmente na gramática, na literatura, na filosofia, na religião e, principalmente, na retórica.

Os sofistas foram mestres que tiveram grande influência no 5º e 4º séculos antes de Cristo. Deles partiram críticas severas à religião praticada. Protágoras (c. 480-410 a.C.), por exemplo, partindo do princípio de que o homem é o senhor e padrão de toda realidade, conduziu seu pensamento pelo pleno subjetivismo, dizendo: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são, e das que não são enquanto não são”.⁵³ Deste conceito, ele deduz o seu agnosticismo teológico que, segundo nos parece, era o único caminho possível para ser coerente com o seu pensamento relativista: “Quanto aos deuses, não posso saber se existem nem se não existem nem qual possa ser a sua forma; pois muitos são os impedimentos para sabê-lo: a obscuridade do problema e a brevidade da vida do homem”.⁵⁴

⁴⁹ Ver: JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1989, p. 236.

⁵⁰ Ver a descrição desta batalha in: HERÓDOTO. *História*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.], VI.93-120.

⁵¹ *Ibid.*, VIII.24-96.

⁵² *Ibid.*, IX.1-107, 115-121.

⁵³ *Apud* PLATÃO. Teeteto. In: *Teeteto e Crátilo*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988, 152a; 160c. Ver: ARISTÓTELES, *Metafísica*, XI, 6. 1 062; PLATÃO, *Eutidemo*, 286.

⁵⁴ DIÓGENES LAERCIO, *Vidas, opiniones y sentencias de los filósofos más ilustres*. Buenos Aires: Librería “El Ateneo” Editorial, 1947, X, p. 581-582. Ver também: MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo*. 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1971, v. I, p. 144-145.

Um seu contemporâneo, discípulo de Parmênides (530-460 a.C), Melisso de Samos (c. 490-c. 430 a.C), também partilhava do mesmo agnosticismo, conforme testemunho de Diógenes Laércio: “Dos deuses, dizia que não se deve dar explicação definitiva. Pois não se os pode conhecer”.⁵⁵

Calvino cita que o poeta grego Simônides de Céos (c. 557-c.468 a.C.), indagado pelo tirano Hierão I de Siracusa sobre o quê seria Deus, depois de alguns dias de reflexão, respondeu: “Quanto mais reflito, tanto mais obscuro o assunto me parece”.⁵⁶

Trasímaco de Calcedônia (c. 459- 400 a.C), entendendo que a justiça é sempre a do mais forte,⁵⁷ sustentava que os deuses foram inventados pelos governantes com o objetivo de assustarem os homens. No entanto, caso eles existam, não têm providência nem se preocupam com os assuntos humanos.⁵⁸ Aliás, o conceito de um deus indiferente aos problemas humanos não era estranho no V/IV séculos a.C., conforme indica Platão, ainda que combatendo esta aceção.⁵⁹

Outro sofista, Pródico de Céos (c. 465- c. 399 a.C.), discípulo de Protágoras, pessimista quanto à vida, sustentava que não devemos temer a morte, visto que jamais nos encontraremos com ela: quando a morte chegar já não existiremos. Entendia que todos os bens, inclusive o divino, só o conseguimos com muito esforço, tendo como ingrediente fundamental a adoração aos deuses: “Os Deuses não concederam aos homens nenhuma das cousas belas e boas sem fadiga e estudos; mas se quiseres que os Deuses te sejam benévolos, debes venerá-los...”.⁶⁰ Para Pródico, conforme documentação disponível, a origem da religião estava associada à gratidão dos homens, que denominaram deuses as coisas úteis à vida, tais como o sol, a lua, os rios, os lagos, o alimento e o vinho.⁶¹

Platão, com discernimento correto, entendia que um dos males de sua época era a corrosão da religião praticada por supostos sacerdotes e profetas – que ele chama de mendigos e adivinhos –, os quais exploravam a credulidade das pessoas, especialmente das ricas. Dentro do quadro descrito, uma das

⁵⁵ MELISSO DE SAMOS, *Dox.* 3. In: BORNHEIM, *Os filósofos pré-socráticos*, p. 66. Ver também a citação em CICERO, *The nature of the Gods*, I.1, 29, 63,117.

⁵⁶ CALVINO, João. *As Institutas*, I.5.12. Na sequência, Calvino comenta a insuficiência da revelação na natureza para o homem auferir um conhecimento sólido e precioso de Deus.

⁵⁷ PLATÃO, *A república*, 338e-339a; 343c-344c.

⁵⁸ *Ibid.*, 336b; 338c; PLATÃO, *Leis*, 889e.

⁵⁹ Ver: XENOFONTE, *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, I.4.10ss; PLATÃO, *Leis*, 885b, 888c; PLATÃO, *A república*, 365d-e.

⁶⁰ PRÓDICO, *Das horas*, Fragmento, 2. Ver também: XENOFONTE, *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, II.1.28; PLATÃO, *Protágoras*, 315c.

⁶¹ Ver: CICERO, *The nature of the Gods*, I.118; GUTHRIE, *Os sofistas*, p. 221-224.

fórmulas usadas por esses líderes religiosos era fazer as pessoas crerem que poderiam mudar a vontade dos deuses mediante a oferta de sacrifícios ou por meio de determinados encantamentos. Os deuses seriam, portanto, limitados e aéticos, sem padrão de moral, sendo guiados pelas seduções humanas:

Mendigos e adivinhos vão às portas dos ricos tentar persuadi-los de que têm o poder, outorgado pelos deuses devido a sacrifícios e encantamentos, de curar por meio de prazeres e festas, com sacrifícios, qualquer crime cometido pelo próprio ou pelos seus antepassados, e, por outro lado, se se quiser fazer mal a um inimigo, mediante pequena despesa, prejudicarão com igual facilidade justo e injusto, persuadindo os deuses a serem seus servidores – dizem eles – graças a tais ou quais inovações e feitiçarias. Para todas estas pretensões, invocam os deuses como testemunhas, uns sobre o vício, garantindo facilidades (...). Outros, para mostrar como os deuses são influenciados pelos homens, invocam o testemunho de Homero, pois também ele disse: “*Flexíveis até os deuses o são. Com as suas preces, por meio de sacrifícios, votos aprazíveis, libações, gordura de vítimas, os homens tornam-nos propícios, quando algum saiu do seu caminho e errou*” (*Iliada* IX.497-501).⁶²

Platão faz críticas severas, especialmente a Homero e Hesíodo, por terem forjado conceitos de Deus que, segundo ele, não correspondiam à realidade.⁶³ Por isso, tais lendas – que eram mescladas de elementos verdadeiros e falsos⁶⁴ – não deveriam ser contadas às crianças e aos jovens, visto que elas corromperiam a formação dos mesmos. As primeiras histórias a serem contadas, deveriam ser as mais nobres, que orientassem no sentido da virtude.⁶⁵ Para ele, Deus estava acima de nossa capacidade racional e, mesmo que fosse percebido, seria incomunicável: “... descobrir o autor e o pai deste universo é um grande feito, e quando se o descobriu, é impossível divulgá-lo a todos”.⁶⁶

Platão, com acuidade, acentua que o Criador que formou o universo é um ser pessoal e bom:

Ele era bom, e naquele que é bom nunca se lhe nasce a inveja. Isento de inveja, desejou que tudo nascesse o mais possível semelhante a ele. (...) Deus quis que tudo fosse bom: excluiu, pelo seu poder, toda imperfeição, e assim, tomou toda essa massa visível, desprovida de todo repouso, mudando sem medida e sem

⁶² Platão, *A república*, 364c-e.

⁶³ *Ibid.*, 377d; 382a-383a; 388b-d. Por trás dessa crítica de Platão, está o conceito vigente da palavra “teologia”.

⁶⁴ *Ibid.*, 377a.

⁶⁵ *Ibid.*, 378e.

⁶⁶ PLATÃO, *Timeu*, 28. Ver também, OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista/Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985, p. 96.

ordem, e levou-a da desordem à ordem, pois estimou que a ordem vale infinitamente mais que a desordem.⁶⁷

Há também um aspecto interessante: ainda que a questão do monoteísmo não seja discutida entre os filósofos gregos,⁶⁸ daí “deus” e “deuses” serem expressões intercambiáveis, há um fragmento – muito citado entre os antigos – escrito por Antístenes de Atenas (c. 450-360 a.C.), primeiramente sofista e depois discípulo de Sócrates (469-399 a.C.), no qual ele diz, conforme menciona Cícero (106-43 a.C.): “Antístenes (...) em seu livro *A Filosofia Natural*, destrói o poder e a personalidade dos deuses ao dizer que embora a religião popular reconheça muitos deuses, há somente um Deus na natureza”.⁶⁹

Posteriormente, apologistas cristãos, inspirados nessas críticas e de outros filósofos gregos e romanos – “impacientes com as divindades inúteis” –, usariam métodos semelhantes para criticarem a religião grega e a de outros povos.⁷⁰

Nos séculos posteriores ao Novo Testamento, a questão da adoção de concepções filosóficas gregas não foi pacífica; havia quem concordasse⁷¹ e outros que entendiam que o cristianismo nada tinha a ver com o pensamento pagão.⁷² No entanto, o que acabou por prevalecer foi a consciência de que todas as coisas provêm de Deus e que as concepções verdadeiras da realidade – ainda que nos lábios de ímpios (cf. At 17.28; Tt 1.12) – podem ser instrumentos úteis para a elaboração e transmissão da verdade divina. Isto porque qualquer tipo de conhecimento parte de Deus, que é a sua fonte inesgotável; portanto, toda verdade é proveniente de Deus, havendo inclusive pontes entre o que pensadores pagãos disseram e a plenitude da verdade conforme revelada nas Escrituras.⁷³

⁶⁷ PLATÃO, *Timeu*, 29-30. Agostinho aventa a possibilidade de Platão ter tido contato com as Escrituras. AGOSTINHO, *A cidade de Deus*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990, v. 1, VIII.11. Acredita que Platão possa ter conhecido o profeta Jeremias no Egito. SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulinas, 1991, II.29. p. 135.

⁶⁸ Ver: GILSON, *O espírito da filosofia medieval*, p. 54ss.

⁶⁹ CICERO, *The nature of the Gods*, I.32. Ver GUTHRIE, *Os sofistas*, p. 230-231.

⁷⁰ Cf. GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 16.

⁷¹ Justino Mártir (c. 100-165) e Clemente de Alexandria (c. 153-c. 215).

⁷² Taciano, o Sírio (c. 120-c. 180) e Tertuliano (c. 160-c. 220). Para uma abordagem mais completa deste tema ver: MARROU, Henri-Irénée. *História da educação na Antiguidade*. 5ª reimpr. São Paulo: EPU, 1990, p. 484ss; GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 1ss; NUNES, Ruy A. da Costa. *História da educação na Antiguidade cristã*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978, p. 5ss; BOEHNER, Philotheus & GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985, p. 35; MONDIN, Battista. *Curso de filosofia*. São Paulo: Paulinas, 1983, v. I, p. 216-222. É muito interessante também a obra de COCHRANE, Charles Norris. *Cristianismo y cultura clásica*. 2ª reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 213ss.; COSTA, Hermisten M. P. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 327-329.

⁷³ Ver: JUSTINO DE ROMA, *I Apologia*, 20.3-5. p. 37-38.

As palavras de Justino Mártir (c. 100-165 AD) permanecem como princípio regulador: “... Tudo o que de bom foi dito por eles [filósofos], pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável”.⁷⁴

4. RELIGIÃO E COMPORTAMENTO: SALMO 14

“Não há estupidez mais brutal do que conscientemente ignorar a Deus”
– João Calvino.⁷⁵

A religião é uma grande fomentadora e reguladora de nosso comportamento, aspirações e construções. Ela está presente, ainda que nem sempre de modo consciente, em nossas perspectivas e, conseqüentemente, na leitura que fazemos da realidade. Portanto, a “religião é uma realidade inescapável da vida. Todos os humanos têm algo que os preocupa de maneira última e, seja este qual for, o seu objeto final é a pessoa de Deus”.⁷⁶ A religião está associada às nossas necessidades últimas que afetam determinadamente as nossas decisões presentes. Somos seres essencialmente religiosos.⁷⁷

Calvino entende que há uma relação direta entre religião e o nosso comportamento ético: “A religião é a melhor mestra para ensinar-nos a mutuamente manter a equidade e a retidão uns para com outros. E onde a preocupação pela religião é extinta, toda e qualquer consideração pela justiça perece juntamente com ela”.⁷⁸

Este Salmo, de forma semelhante ao Salmo 10, reflete a situação de uma sociedade na qual o mal parece imperar, sendo predominante a corrupção, a maldade e a atitude arrogante que ridiculariza o humilde na sua confiança em Deus. A depravação acompanha a insensatez descrita (Is 32.5-6).⁷⁹ O fundamento desse comportamento é o de um ateísmo prático e insensato que, num ato de fé, acredita na indiferença e impotência divinas.⁸⁰ Neste caso, longe

⁷⁴ Ibid., *II Apologia*, XIII.4. p. 104.

⁷⁵ CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Paracletos, 1999, p. 272 (Sl 14.1).

⁷⁶ NASH, *Questões últimas da vida*, p. 19.

⁷⁷ Ver: COSTA, Hermisten M. P. *Princípios bíblicos de adoração cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 13-15.

⁷⁸ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 281 (Sl 14.4).

⁷⁹ “⁵ Ao louco (נבל) nunca mais se chamará nobre, e do fraudulento jamais se dirá que é magnânimo. ⁶ Porque o louco (נבל) fala loucamente (נבלה), e o seu coração (לב) obra o que é iníquo, para usar de impiedade e para proferir mentiras contra o Senhor, para deixar o faminto na ânsia da sua fome e fazer que o sedento venha a ter falta de bebida” (Is 32.5-6).

⁸⁰ “É provável que não neguem a existência de Deus de maneira franca, mas o imaginam como que recluso no céu e destituído de justiça e poder; e esse comportamento equivale à formação de um ídolo no lugar de Deus”. CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 273 (Sl 14.1). Do mesmo modo, ver: SCHÖKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecília. *Salmos I: Salmos 1-72*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 255.

de se interessar pela existência ou não de Deus, o indivíduo vive como se ele não existisse.

Daí a questão da relativa irrelevância a respeito da existência ou não de Deus, visto que podemos elaborar vários conceitos a partir de nosso referencial humano, finito e pecaminoso. Por isso, a pergunta que se configura como importante não é se Deus existe, mas “quem é Deus?”.⁸¹

O salmo, que descreve de forma superlativa a realidade de todos os homens dominados pelo pecado, aqui parece aludir aos príncipes e governantes que deveriam cuidar do povo, mas que na realidade o exploravam, ignorando deliberadamente a lei de Deus e o seu governo. É possível que tenha sido escrito durante a rebelião de Absalão.⁸² Neste caso, ele poderia ter sido escrito junto com os Salmos 3 e 4. Este Salmo é repetido com pequenas diferenças no Salmo 53.

Analisemos, à luz deste salmo, aspectos que caracterizam o ateísmo aqui descrito:

4.1 Origina-se no coração do homem

“Diz o *insensato* (נבל) no seu *coração* (לב): Não há *Deus* (אלהים)...” (Sl 14.1).

O insensato nega a realidade transcendente: não existem Deus nem seres angelicais;⁸³ o seu mundo é puramente material. Ele solidifica isso no seu íntimo, não simplesmente da boca para fora, daí se dizer “no seu coração”. Ainda que possa não ter a ousadia de negar verbalmente a existência de Deus, vive conforme as suas inclinações pecaminosas e interesses circunstanciais, sem nenhum temor de Deus.

O coração denota a personalidade integral do homem⁸⁴ envolvendo geralmente a emoção, o pensamento e a vontade. Qualquer tentativa de se esta-

⁸¹ Cf. CLARK, Gordon H. Ateísmo. In: HENRY, Carl (Org.). *Dicionário de ética cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 63. “Defender a crença num ‘poder do alto’ nebuloso é balançar entre o ateísmo e um cristianismo total com suas exigências pessoais”. SPROUL, R. C. *Razão para crer*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 48). Quanto à perspectiva do “neo-ateísmo”, ver: MOHLER JR., *Ateísmo remix: um confronto cristão aos novos ateístas*. Quanto à tentativa de se classificar alguns tipos de ateísmo, ver: GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. 2ª impressão. São Paulo: Vida, 2002, p. 83.

⁸² Ver: HENGSTENBERG, Ernst W.; THOMSON, John. *Commentary on the Psalms*. Reprinted. Tennessee: General Books, ©1846, 2010, v. 1, p. 51-52 (Sl 5).

⁸³ Keil e Delitzsch vão além, entendendo que a negação é da existência de um Deus pessoal. KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1871, v. V (I/III), p. 203-204 (Sl 14.1).

⁸⁴ G. Ernest Wright (1907-1974) salienta que na doutrina de Israel sobre o homem, “o EU, ou a identidade, não está associado a qualquer faculdade particular, ou órgão do ser humano, quer seja sua natureza psíquica, seu espírito ou sua razão. O EU é a criatura total. Pensa-se no homem com ser

belecer uma distinção entre o “coração” e a “razão” do homem na psicologia do Antigo Testamento é destituída de fundamentação bíblica. O coração, que na linguagem veterotestamentária é usado de forma efetiva referindo-se ao homem todo, traz consigo o sentido de responsabilidade, visto que somente o homem age conscientemente.

Banwell argumenta que

... os hebreus pensavam em termos de experiência subjetiva, e não com observações objetivas e científicas, e assim evitavam o erro moderno de departamentização excessiva. Era essencialmente o homem inteiro, com todos os seus atributos físicos, intelectuais e psicológicos, de que se ocupava o pensamento hebreu, onde o coração era concebido como o centro governador de todos esses aspectos.⁸⁵

As palavras hebraicas לֵב (lêbh) e לֵבָב (lêbhābh) têm uma gama mais extensa do que esta, apontando mais propriamente para “o homem essencial”,⁸⁶ o homem todo, em contraste com a sua aparência exterior, que é alvo dos juízos mais apressados (1Sm 16.7).

Bavinck resume:

Assim como o coração no sentido físico é o ponto de origem e de força propulsora da circulação do sangue, assim também, espiritual e eticamente ele é a fonte da mais elevada vida do homem, a sede de sua autoconsciência, de seu relacionamento com Deus, de sua subserviência à Sua lei, enfim, de toda a sua natureza moral e espiritual. Portanto, toda a sua vida racional e volitiva tem seu ponto de origem no coração e é governada por ele.⁸⁷

Deus pede o nosso coração: “Dá-me filho meu, o teu coração, e os teus olhos se agradem dos meus caminhos” (Pv 23.26; ver 1Rs 8.23). Observe que há uma relação determinante: quando o nosso coração é confiado a Deus, nós nos agradamos dos seus caminhos, da sua Palavra: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei”, declara Davi (Sl 40.8).

volitivo e ativo. Se algum termo especial, mais que outro, sugere a idéia pessoal é a palavra ‘coração’, mas o ‘coração’ não é parte ou faculdade do homem”. WRIGHT, G. E. *A doutrina bíblica do homem na sociedade*. São Paulo: ASTE, 1966, p. 137.

⁸⁵ BANWELL, B. O. Coração. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966, v. I, p. 322. Ver: McDONALD, H. D. Doutrina do homem. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, v. II, p. 260; SPYKMAN, Gordon J. *Teología reformacional: un nuevo paradigma para hacer la dogmática*. Jenison, MI: The Evangelical Literature League, 1994, p. 242; LOWER, M. Heart. In: TENNEY, Merril C. (Org.). *The Zondervan pictorial encyclopaedia of the Bible*. 5ª ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982, v. III, p. 58.

⁸⁶ Conforme expressão de Vorländer. VORLÄNDER, H. Homem. In: BROWN, Colin (Org.). *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, v. II, p. 376.

⁸⁷ BAVINCK, Herman. *Teologia sistemática*. Santa Bárbara d’Oeste, SP: SOCEP, 2001, p. 19.

O ímpio, no entanto, por meio de um solilóquio, alimenta cotidianamente o seu coração com a afirmação de que Deus não existe. Ele fortalece o seu coração e a sua mente em sua incredulidade. Tal conceito determina a sua cosmovisão e comportamento. Toda a sua estrutura de pensamento e sentimento passa por esse filtro determinante: o mundo se limita à matéria. A vida dentro da perspectiva da negação de Deus perde todo o sentido teleológico e, por isso mesmo, termina por perder o sentido existencial. Se não há Deus, não há sentido na história e, portanto, na nossa vida. O que vale é o nosso hoje e, mesmo assim, nem sabemos bem o que vale, visto que nada faz sentido. A terrível geografia da humanidade termina na cova, para onde tudo converge e se cala definitivamente. Este é o modo de viver que resta ao insensato descrito neste salmo.

“Porque o *louco* fala *loucamente*, e o seu *coração* obra o que é iníquo, para usar de impiedade e para proferir mentiras contra o Senhor, para deixar o faminto na ânsia da sua fome e fazer que o sedento venha a ter falta de bebida” (Is 32.6).

4.2 É uma atitude de insensatez

“Diz o *insensato* no seu *coração*: Não há *Deus*...” (Sl 14.1).

O sentido dessa palavra é néscio, louco, ímpio, “perversidade agressiva”.⁸⁸ É aquele que age com “desatino” (Gn 34.7), faz “loucura” (Js 27.15; Jz 19.24; Jr 29.23). Descreve a pessoa “cujo pensamento moral é perverso; ela escolheu fechar sua mente para a realidade de Deus e para as implicações do seu governo moral”.⁸⁹ O seu emprego nas Escrituras tem uma conotação primária e preponderantemente religiosa.⁹⁰ O insensato vive como se Deus não existisse ou, como diria o ateu existencialista Jean Paul Sartre (1905-1980), se ele existir não faz diferença.⁹¹ A negação de Deus consiste numa insensatez: “A insensibilidade para com Deus bem como a insensibilidade moral fecham a mente para a razão”.⁹²

⁸⁸ KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1980, v. 1, p. 95 (Sl 14.1).

⁸⁹ BAIGENT, John W. Salmos (1-72). In: BRUCE, F. F. (Org.). *Comentário bíblico NVT: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 776 (Sl 14).

⁹⁰ Ver: VAN DEURSEN, Frans. *Los Salmos*. Países Bajos: Fundacion Editorial de Literatura Reformada, 1996, v. 1, p. 80-82.

⁹¹ SARTRE, Jean P. *O existencialismo é um humanismo*. Os Pensadores, v. 45. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 15 e 28.

⁹² GOLDBERG, Louis. Nabal. In: HARRIS, R. Laird et. al. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 910. Do mesmo modo, KIDNER, Derek. *Provérbios: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1980, p. 40.

O marido de Abigail se chamava Nabal. Aliás, foi este o argumento dela para apaziguar a Davi quando se dirigia com 400 homens contra Nabal, que o havia ofendido. Diz Abigail a Davi: “Não se importe o meu senhor com este homem de Belial, a saber, com Nabal; porque o que significa o seu nome ele é. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele...” (1Sm 25.25).

A insensatez é uma designação comum para aqueles que blasfemam contra Deus. Este insensato, em sua louca ignorância, insulta e afronta a Deus cotidianamente: “Lembra-te disto: o inimigo tem ultrajado ao Senhor, e um povo *insensato* (נבל) tem *blasfemado* o teu nome (...). Levanta-te, ó Deus, pleiteia a tua própria causa; lembra-te de como o *ímpio* (נבל) te *afronta*, todos os dias” (Sl 74.18,22). Como já comentamos, escreve o salmista: “Pois o perverso se gloria da cobiça de sua alma, o avarento maldiz o Senhor e *blasfema* contra ele” (Sl 10.3).

Quando Moisés, ordenado por Deus, escreve uma canção para instruir o povo,⁹³ demonstra que a atitude de desobediência e ingratidão para com Deus é uma expressão de loucura: “É assim que recompensas ao Senhor, povo *louco* (נבל) e ignorante? Não é ele teu pai, que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?” (Dt 32.6).

A negação da existência de Deus diante de todo o seu testemunho manifestado na Criação é uma atitude ímpia, insana, desprovida de todo e qualquer elemento de racionalidade, ainda que o ateu tente demonstrar justamente o contrário.⁹⁴ Tal impiedade se mostra ainda mais evidente quando contrastada com a conclusão do Salmo 13, quando o salmista em meio a grande angústia pede a Deus que ilumine os seus olhos e, agora, após isso, pode testemunhar: “Cantarei ao Senhor, porquanto me tem feito muito bem” (Sl 13.6). A negação de Deus é um atestado de total obscuridade espiritual e insensibilidade para com o testemunho de sua existência e cuidado.

4.3 *É alimentado pela indiferença para com Deus*

“² Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda (שכל), se há quem *busque* (דרש) a Deus.³ Todos se *extraviaram* (סור) e juntamente se *corromperam* (אלה); não há quem faça o *bem* (טוב), não há nem um sequer. ⁴Acaso, não *entendem* (ידע) todos os *obreiros* da *iniquidade*, que devoram o meu povo, como quem come pão, que não invocam o Senhor?” (Sl 14.2-4).

⁹³ Deus usava inclusive do recurso musical para ensinar a Lei ao povo: “Escrevei para vós outros este cântico e *ensinai-o* (למד)(lamad) aos filhos de Israel; ponde-o na sua boca, para que este cântico me seja por testemunha contra os filhos de Israel. (...) Assim, Moisés, naquele mesmo dia, escreveu este cântico e o *ensinou* (למד)(lamad) aos filhos de Israel” (Dt 31.19,22; 32.1-47).

⁹⁴ “A maioria dos ateus se orgulha de ser racional. Mas para que ser racional se o universo é o resultado do acaso irracional? Não há razão para ser racional num universo aleatório. Logo, o maior orgulho dos ateus não é possível sem Deus”. GEISLER, *Enciclopédia de apologética*, p. 86.

4.3.1 Não há quem entenda⁹⁵

A palavra é traduzida por *entendimento* (Gn 3.6; Sl 14.2; 53.2; 2Cr 30.22⁹⁶), *inteligência* (Jr 3.15), *atentar* (Sl 106.7), *prudência* (1Sm 18.5; Sl 2.10; 94.8; 111.10; Is 52.13), *êxito* (1Sm 18.14,15,30; 2Rs 18.7), *discernimento* (Sl 36.3), *acudir* (Sl 41.1). Refere-se

... à ação de, com a inteligência, tomar conhecimento das causas. (...) Designa o processo de pensar como uma disposição complexa de pensamentos que resultam numa abordagem sábia e bastante prática do bom senso. Outra consequência é a ênfase no ser bem-sucedido.⁹⁷

O salmista lamenta que os seus pais não atentaram, não deram atenção às maravilhas de Deus e à sua misericórdia; faltou discernimento: “Nossos pais, no Egito, não *atentaram* às tuas maravilhas; não se lembraram da multidão das tuas misericórdias e foram rebeldes junto ao mar, o mar Vermelho” (Sl 106.7).

É Deus mesmo quem se propõe a nos ensinar; contudo, o ímpio não quer aprender. Deus diz a Davi: *Instruir-te-ei* (שכל) e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho” (Sl 32.8).

Aos reis rebeldes contra o Ungido do Senhor, a palavra é: “Agora, pois, ó reis, sede *prudentes* (שכל); deixai-vos advertir, juízes da terra” (Sl 2.10). No entanto, o ímpio, rejeita a instrução e o discernimento: “As palavras de sua boca são malícia e dolo; abjurou o *discernimento* (שכל) e a prática do bem” (Sl 36.3).

O salmista declara que tem mais entendimento do que os seus mestres porque medita na lei de Deus: “*Compreendo* (שכל) mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos” (Sl 119.99). No entanto, ao ímpio falta-lhe totalmente este discernimento e compreensão. Ele persiste em sua ignorância refletida afirmando a sua suposta superioridade pelo fato de negar a Deus.

Isto se torna ainda mais grave pelo fato de Deus ter se revelado de forma compreensível na Criação e mais completamente na redenção de seu povo. Aliás, a negação de Deus traz como pressuposto a sua revelação, visto que

⁹⁵ Ver: GESENIUS, William. *Hebrew-Chaldee lexicon to the Old Testament*. 3ª ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978, p. 789-790; GOLDBERG, Louis. Sakal. In: HARRIS, R. Laird et. al. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1478-1480; GIRDLESTONE, Robert B. *Synonyms of the Old Testament*. Reprinted. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1981 (1897), p. 74, 224-225.

⁹⁶ Neste texto aparece tanto o verbo (שכל) como o substantivo שכל evidenciando o profundo conhecimento que os levitas tinham do serviço do Senhor: “Ezequias falou ao coração de todos os levitas que *revelavam* bom *entendimento* (שכל) no serviço do Senhor; e comeram, por sete dias, as ofertas da festa, trouxeram ofertas pacíficas e renderam graças ao Senhor, Deus de seus pais” (2Cr 30.22).

⁹⁷ GOLDBERG, Sakal, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*, p. 1478.

sem ela jamais creríamos ou negaríamos Deus. A revelação de Deus torna o homem indesculpável (Rm 1.18-32). Como enfatiza Calvino:

Assim é que Deus tem estabelecido por toda parte, em todos os lugares, em todas as coisas, suas insígnias e provas, às vezes em brasões de tal nítido entendimento que ninguém pudesse alegar ignorância por não conhecer um tal soberano Senhor que tão amplamente havia exaltado sua magnificência. É quando, em todas as partes do mundo, no céu e na terra, Ele escreveu e praticamente gravou a glória de Seu poder, Sua bondade, sabedoria e eternidade.⁹⁸

Ainda que não possamos conhecer exaustivamente a Deus, podemos conhecê-lo genuinamente:

Não podemos compreender plenamente a Deus em toda a sua grandeza, mas que há certos limites dentro dos quais os homens devem manter-se, embora Deus acomode à nossa tacanha capacidade toda declaração que faz de si mesmo. Portanto, somente os estultos é que buscam conhecer a essência de Deus.⁹⁹

4.3.2 Não buscam (שׁוֹרֵר) a Deus

A ideia básica do termo é *buscar com diligência*.¹⁰⁰ A palavra buscar, além deste sentido (Lv 10.16; Sl 22.26; 24.6 [duas vezes]; 53.3), pode ser traduzida por: *requerer* (Dt 23.22; Sl 9.12), *cuidar* (Dt 11.12), *investigar* (Sl 10.4), *importar-se* (Sl 10.13), *esquadrinhar* (Sl 10.15), *procurar* (Sl 77.2), *considerar* (Sl 111.2), *empenhar-se* (Sl 119.45), *interessar-se* (Sl 142.4).

Por se considerar autossuficiente, o ímpio não se importa com Deus. Parte do pressuposto de sua não existência; por isso mesmo, não examina a questão, não se empenha nem se interessa; esta é uma questão decidida: Não há Deus!

“O *perverso*, na sua soberba, não *investiga* (שׁוֹרֵר); que não há Deus são todas as suas cogitações” (Sl 10.4). Ele está satisfeito com a sua conclusão gratuita e arrogantemente propala isso com palavras e atitudes, sendo a sua ideologia reforçada pela sua evidente prosperidade e impunidade, que enchem os olhos dos menos avisados e também precipitados em suas conclusões (Sl 10.5).

⁹⁸ Prefácio de Calvino à tradução do Novo Testamento feita por Pierre Olivétan. In: FARIA, Eduardo Galasso (Org.). *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008, p. 15. Ver também: CALVINO, João. *Exposição de Hebreus*. São Paulo: Paracletos, 1997, p. 299-301 (Hb 11.3); *O Profeta Daniel: 1-6*. São Paulo: Paracletos, 2000, v. 1, p. 186 (Dn 3.2-7); *Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1996, p. 62 (1Co 1.21).

⁹⁹ CALVINO, João. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997, p. 64 (Rm 1.19). BERKHOF, L. *Teologia sistemática*. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1990, p. 32.

¹⁰⁰ “Moisés *diligentemente buscou* (שׁוֹרֵר) o bode da oferta pelo pecado...” (Lv 10.16). Ver mais detalhes em: COPPES, Leonard J. Dārash. In: HARRIS, R. Laird et. al. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 328-329.

O *não investigar* (דרש) (Sl 10.4) significa não se importar, não buscar a Deus. O ímpio acredita não ter elementos suficientes para crer em Deus; contudo, paradoxalmente, sustenta ter razões suficientes para negá-lo. Ou, como afirmou Eco: “... não vejo como é possível não acreditar em Deus e considerar que não se pode comprovar Sua existência, e depois a acreditar firmemente na inexistência de Deus, pensando poder prová-Lo”.¹⁰¹

O não investigar é um mal em si mesmo. Um bom princípio é examinar o que se nos apresenta como realidade, não nos deixando seduzir e guiar por nossas inclinações ou pelas tendências massificantes. Podemos ser conduzidos simplesmente por princípios que nos agradam sem verificar a sua veracidade. O fim disso pode ser trágico. Assim sendo, por mais auto-eloquentes que possam se configurar aspectos da chamada realidade, precisamos examiná-los antes de os tomarmos como pressupostos para a aceitação de outras declarações também reivindicatórias. Há o perigo de formarmos a nossa cosmovisão baseada em um mosaico de peças promíscuas, contraditórias e excludentes. Por isso o salmista declara: “A salvação está longe dos ímpios, pois não *procuram* (דרש) os teus decretos” (Sl 119.155).

4.3.3 Não querem aprender

“Acaso, não *entendem* (ידע)¹⁰² todos os obreiros da iniquidade, que devoram o meu povo, como quem come pão, que não invocam o Senhor?” (Sl 14.4).

Previamente devemos destacar que Deus por diversas vezes recriminou severamente o seu povo devido a essa ignorância culposa. Por meio de Isaías Ele faz uma analogia extremamente forte para ilustrar a nossa situação. Deus toma dois animais difíceis de trato: o boi e o jumento. Mostra que a obtusidade, a teimosia e a dificuldade de condução destes animais dão-se pela sua própria natureza; no entanto, assim mesmo, eles sabem reconhecer os seus donos,

¹⁰¹ Umberto Eco, in: ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. *Em que crêem os que não crêem?* Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 85. Do mesmo modo: “O ateísmo é uma questão de fé tanto quanto o cristianismo”. McGRATH, Alister. *O Deus desconhecido: em busca da realização espiritual*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 23. “O cristão que acredita em Deus, então, o faz por fé. Mas o ateu precisa fazer o mesmo. Ele crê que Deus não existe. Isso mesmo: crê. Como não consegue provar que não existe Deus, o ateísmo também é um tipo de fé”. McGRATH, Alister. *Como lidar com a dúvida sobre Deus e sobre você mesmo*. Viçosa, MG: Ultimato, 2008, p. 36. “Pode-se negar que a existência de Deus seja demonstrável. Não se pode demonstrar que Deus não existe”. LACOSTE, Ateísmo, *Dicionário crítico de teologia*, p. 204. Ver: CLARK, Gordon H. *Em defesa da teologia*. Brasília, DF: Monergismo, 20109, p. 29ss.

¹⁰² Esse conhecimento envolve a capacidade de discernir (Sl 4.4), experimentar (Sl 9.11; 20.7; 25.4.14; 119.75; 139.1,2,4; 139.14; ver Sl 16.11); pensar/perceber (Sl 35.8), perfeito conhecimento (Sl 37.18; 44.21; 50.11; 69.5; 94.11; 103.14; 139.23; 142.3), conhecimento íntimo e pessoal (Sl 51.3), intimidade/proximidade (Sl 55.13; 88.18), compreender (Sl 73.16), aprender (Sl 78.3), ensinar (Sl 90.12), fazer notório/manifestar (Sl 98.2; 103.7; 145.12).

aqueles que os alimentam. O homem, por sua vez, como coroa da criação, cedendo ao pecado perdeu totalmente o seu discernimento espiritual; já não reconhecemos nem mesmo o nosso Criador; antes lhe voltamos as costas e prosseguimos em outra direção:¹⁰³ “O boi *conhece* (יָדַע) o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem *conhecimento* (יָדַע) o meu povo não *entende* (בִּין).¹⁰⁴ “Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniquidade, raça de malignos, filhos corruptores; abandonaram o Senhor, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás” (Is 1.3-4).

Na realidade, há uma obstinação, uma antítese ativa aos ensinamentos de Deus. Os ímpios aqui descritos praticam a maldade com naturalidade;¹⁰⁵ não se sentem pesarosos de nada. Estão totalmente insensíveis.

É isto que o Senhor diz a respeito do povo no deserto que durante 40 anos viu sinais do seu poder, amor e misericórdia, contudo, não quis aprender: “Durante quarenta anos, estive desgostado com essa geração e disse: é povo de coração transviado, não *conhece* (יָדַע) os meus caminhos” (Sl 95.10).

Os artífices idólatras constroem suas imagens pagãs também desta forma. Como não poderia deixar de ser, nada entendem: “Todos os artífices de imagens de escultura são nada, e as suas coisas preferidas são de nenhum préstimo; eles mesmos são testemunhas de que elas nada vêem, nem *entendem* (יָדַע), para que eles sejam confundidos” (Is 44.9).

¹⁰³ Lloyd-Jones explora com vivacidade a analogia do texto. Ver: LLOYD-JONES, D. M. *O caminho de Deus, não o nosso*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 43-46.

¹⁰⁴ O verbo (בִּין) apresenta a ideia de entendimento, fruto de observação demorada, e nos permite discernir para interpretar com sabedoria e conduzir os nossos atos. “O verbo se refere ao conhecimento superior à mera reunião de dados. (...) Bîn é uma capacidade de captação julgadora e perceptiva e é demonstrada no uso do conhecimento”. GOLDBERG, Louis. Bîn. In: HARRIS, Laird et. al. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 172. Ele permite diversas traduções (ARA): acudir (Sl 5.1, no sentido de considerar), ajuizado (Gn 41.33,39), atentar (Dt 32.7,29; Sl 28.5), atinar (Sl 73.17; 119.27), considerar (Jó 18.2; 23.15; 37.14), contemplar (Sl 33.15), cuidar (Dt 32.10), discernir (1Rs 3.9,11; Jó 6.30; 38.20; Sl 19.12), douto (Dn 1.4), ensinar (Ne 8.7,9), entender/entendido/entendimento (Dt 1.13;4.6; 1Sm 3.8; 2Sm 12.19; 1Rs 3.12; 1Cr 15.22; 27.32; 2Cr 26.5; Ed 8.16; Ne 8.2,3,8,12; 10.28; Jó 6.24;13.1; 15.9; 23.5; 26.14; 28.23; 32.8,9; 42.3), fixar no sentido de pensar detidamente (Jó 31.1), inteligência (Dn 1.17), mestre no sentido de *expert* (1Cr 25.7,8), penetrar com o sentido de discernir (1Cr 28.9; Sl 139.2), perceber (Jó 9.11;14.21; 23.8), perito (Is 3.3), procurar (Sl 37.10), prudentemente (2Cr 11.23), reparar (1Rs 3.21), revistar ou procurar atentamente (Ed 8.15), saber/sabedoria (Ne 13.7; Pv 14.33), “sisudo” em palavras (1Sm 16.18), superintender por ter maior conhecimento (2Cr 34.12).

¹⁰⁵ Faz-se necessário enfatizar que o ateísmo não é necessariamente imoral. Apenas indico, à luz do salmo, que a imoralidade tem como um de seus fundamentos a negação de Deus. GEISLER, *Enciclopédia de apologética*, p. 85-86. Outro ponto é que a perseguição aos cristãos fiéis com frequência é promovida por pessoas ditas religiosas, mas que não conhecem o Senhor. Ver: COSTA, Hermisten M. P. Os perseguidos: assumindo o preço da contracultura cristã. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=explorer&chrome=true&srcid=0BO3Dkx1kn89YzY2Yzg5NDctYzdkOS00ZjNjLWEzYjEtYTJiNWQ4MGEzNTFj&hl=en>. Acesso em: 15 out. 2011.

O paganismo associa-se à mais tremenda falta de entendimento e bestialização do ser humano. Isaías continua a descrever o que o idólatra faz e as consequências intelectuais e espirituais de seu proceder: “Nada *sabem* (יָדַע), nem *entendem*; porque se lhes grudaram os olhos, para que não vejam, e o seu coração já não pode *entender* (שָׂכַל)” (Is 44.18). Salomão conclui: “O caminho dos perversos é como a escuridão; nem *sabem* (יָדַע) eles em que tropeçam” (Pv 4.19).

4.4 Manifesta-se em corrupção e maldade

“É, portanto, relativamente sem importância se uma pessoa crê ou não na existência de Deus. Existência é um pseudoconceito. A questão importante é ‘Quem é Deus?’. A esta pergunta o Cristianismo oferece uma resposta trinitariana” – Gordon H. Clark.¹⁰⁶

Todo conhecimento parte de um pré-conhecimento que é-nos fornecido pela nossa condição ontologicamente finita e pelas circunstâncias temporais, geográficas, intelectuais e sociais dentro das quais construímos as nossas estruturas de conhecimento. Só existe possibilidade de conhecimento porque, entre outras coisas, antes de nós percebermos, há um objeto referente. Deste modo, o ser antecede ao conhecer. A essência precede à experiência.

Somos em muitos sentidos parte de um produto cultural, filhos de uma geração com uma série de valores que determinam em grande parte as nossas pré-compreensões.

Valendo-se de uma figura de Aristóteles (384-322 a.C.), Mohler faz uma aplicação interessante e elucidativa:

A última criatura a quem você deveria perguntar como é se sentir molhado é a um peixe, porque ele não faz ideia de que *esteja* molhado. Uma vez que nunca esteve seco, ele não tem um ponto de referência. Assim somos nós, quando se trata de cultura. Somos como peixes no sentido de que não temos sequer a capacidade de reconhecer onde a nossa cultura nos influencia. Desde a época em que estávamos no berço, a cultura tem formado nossas esperanças, perspectivas, sistemas de significado e interpretação, e até mesmo nossos instrumentos intelectuais.¹⁰⁷

Portanto, a realidade se mostra a nós com contornos próprios delineados não simplesmente pelo que ela é, mas também pelos nossos olhos que a enxergam e pinçam fragmentos desta realidade, conferindo-lhes novas configurações com cores mais ou menos vivas, atribuindo-lhes valores muitas vezes bastante distintos dos reais.

¹⁰⁶ CLARK, Ateísmo, *Dicionário de ética cristã*, p. 63.

¹⁰⁷ MOHLER JR., R. Albert. Preguar com a cultura em mente. In: DEVER, Mark (Org.). *A pregação da cruz*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 66.

Vejam então como o ateísmo influencia diretamente a nossa ética. O ateu confesso conforme é aqui descrito (como também no Salmo 10) passa a não ter compromisso com nada, exceto com seus interesses. Ele não se importa com nada nem com ninguém; não há valores transcendentais que o referenciem, não há Deus, não há lei; por isso, ele só se importa com os seus interesses. Sente-se livre e à vontade para cometer impiedade, praticar perversidade; ser mau. Como o homem foi criado para se relacionar com Deus, o ateísmo afeta a nossa estrutura ontológica,¹⁰⁸ a nossa natureza, interferindo, portanto, dramaticamente em nossa perspectiva da realidade, na estruturação de nosso pensamento, sentimentos e de todas as coisas. “Quando o Criador é excluído, o nosso próprio pensamento se torna ‘nulo’”.¹⁰⁹

Não há neutralidade em relação a Deus, porque de fato não há autonomia:

Seres humanos jamais são neutros em relação a Deus. Adoramos a Deus como Criador e Senhor ou nos afastamos de Deus. Porque o nosso coração é dirigido por Deus ou contra Deus, o pensamento teórico jamais é puro ou autônomo como muitos gostariam de pensar.¹¹⁰

Portanto, o ateísmo do iníquo não é apenas teórico, antes, é eminentemente prático, manifestando-se em seu comportamento. Diria mais: ele é mais prático do que teórico.¹¹¹ Este salmo trata de ambos.¹¹² O ateísmo teórico é uma cosmovisão.¹¹³ O ateu aqui descrito age a partir de seu pressuposto e, num processo natural, reforça o seu pressuposto em seus atos. Rookmaaker (1922-1977) observa com perspicácia: “O mundo não se tornou ateu porque os ateus pregaram arduamente, mas porque trabalharam arduamente”.¹¹⁴

¹⁰⁸ “Deixar de relacionar-se com Deus é deixar de ser completamente humano. Ser realizado é ser plenificado por Deus. Nada transitório pode preencher esta necessidade. Nada que não seja o próprio Deus pode esperar tomar o lugar de Deus. Assim mesmo, por causa da decadência da natureza humana, há hoje a tendência natural de se tentar fazer com que outras coisas preencham essa necessidade. O pecado nos afasta de Deus, e nos leva a pôr outras coisas em seu lugar. Essas vêm para substituir Deus. Elas, porém, não satisfazem. E, como a criança que experimenta e expressa insatisfação quando o pino quadrado não se encaixa no orifício redondo, passamos a experimentar um sentimento de insatisfação. De alguma forma, permanece em nós a sensação de necessidade de algo indefinível de que a natureza humana nada sabe, só sabe que não o possui”. McGRATH, Alister E. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 68.

¹⁰⁹ VEITH, JR., Gene Edward. *De todo o teu entendimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 73.

¹¹⁰ NASH, *Questões últimas da vida*, p. 22.

¹¹¹ “O ateísmo em questão é mais prático que teórico, não tento negar a existência de Deus, mas sim sua relevância”. MOTYER, J. A. Os Salmos. In: CARSON, D. A. et. al. (Orgs.). *Comentário bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 748 (SI 14).

¹¹² Ver: BOICE, James M. *Psalms: an expositional commentary*. Grand Rapids, MI: Baker, 1994, v. 1, p. 114 (SI 14).

¹¹³ Ver: MOHLER JR., *Ateísmo remix*, p. 15-17; MONDIN, Battista. *Quem é Deus? Elementos da teologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 130.

¹¹⁴ ROOKMAAKER, H. R. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, p. 35.

Como o ateu quer viver como se Deus não existisse, tende a racionalizar o seu comportamento alegando a inexistência de Deus e, por isso mesmo, a falta de sentido metafísico da existência. Embarca assim num círculo vicioso no qual sempre é reforçado pelos motivos que justificam a sua impiedade. Aqui temos a essência do agir e pensar néscio. O ateísmo teórico produz seus frutos na conduta de seu proponente.

A negação de Deus traz em seu bojo a diminuição de nossa própria humanidade. A grandeza do homem está em Deus que o criou à sua imagem. Na negação de Deus desfiguramos a nossa própria imagem; nos corrompemos e nos aproximamos muito, com inúmeros agravantes, dos animais, os quais, por sua vez, revelam em muitas ocasiões, mais discernimento do que o homem ímpio (Is 1.2-4; Jr 4.22; 8.7). Não há grandeza no homem fora de Deus. A majestade de Deus enche toda a Terra. Sem Deus o homem fez-se nulo em todo o seu pensar, sentir e agir (Rm 1.18-27).

Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. *Corrompem-se* (שחת) e praticam *abominação*; já não há quem faça o *bem*.² Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem *entenda* (שכל), se há quem *busque* (דרש) a Deus.³ Todos se *extraviaram* (סור) e juntamente se *corromperam* (אליח); não há quem faça o *bem* (טוב), não há nem um sequer.⁴ Acaso, não *entendem* (ירע) todos os *obreiros* (פעל) da *iniquidade*, que devoram o meu povo, como quem come pão, que não invocam o Senhor? (Sl 14.1-4).

A ideia do texto é que o ateísmo, como não permanece apenas no campo teórico, faz com que seus proponentes se desviem totalmente dos preceitos de Deus. Há um extravio; daí a corrupção moral. O salmista diz como estes homens se manifestam:

1. *Corrompem-se* (שחת) (1).¹¹⁵ A palavra tem também a ideia de *ruína* (2Cr 34.11; Pv 6.32), *destruição* (Sl 78.38,45; Is 37.12), *danificar* (Jr 49.9), *poço* (Sl 7.16), *cova* (Sl 9.16), *lodo* (Jó 9.31). O insensato, na afirmação de que não há Deus, perdendo a dimensão metafísica da existência, se arruína, se destrói intimamente, tem desestruturada toda a sua forma de pensar (epistemologia e lógica) e a sua conduta (ética). Ele escorregou e caiu na cova de seu próprio pensamento. Agora, o seu próximo passo é:

2. *Praticam abominação* (תעב) (1). Significa atos totalmente contrários à Palavra de Deus, tais como a idolatria e o sacrifício humano (1Rs 21.26; Sl 106.40), atos sanguinários e fraudulentos. Deus abomina quem tais coisas pratica: “Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que *praticam* (תעב) a *iniquidade* (איך)” (Sl 5.6).

¹¹⁵ Sl 9.16; 35.7; 78.45; 106.23; Sf 3.7.

3. *Não há bondade em seus atos* (טֹב)¹¹⁶ (1,3). Eles não praticam mais o bem, não são bondosos nem justos; os seus atos são sempre interesseiros. Talvez aqui seja aplicável a descrição feita no Sl 36.4 a respeito do ímpio: “No seu leito, maquina a perversidade, detém-se em caminho que não é *bom*, não se *despega* (נִיאֵס) do mal” (Sl 36.4).

4. *Extraviaram-se* (סָוָה) e *se corromperam* (אָלַח) (3). Este extravio envolve a ideia de *afastar-se* (Nm 12.10), *retirar-se* (Nm 14.9; Jz 16.20; 1Sm 18.12), *desviar-se* (1Sm 28.15; 1Rs 15.5; 2Rs 22.2; Ez 6.9), *desamparar* (1Sm 28.16), *apartar-se* (2Rs 13.11; 14.24), *entregar-se* (Os 4.18).

Por eles se desviarem de Deus e de Sua Palavra é que juntamente se corromperam mutuamente. Há uma associação natural daqueles que pensam, fazem e defendem o mal. “Todos os homens se deixaram arrebatados de tal forma por suas caprichosas luxúrias, que nada ficou de pureza ou integridade em toda a sua vida. Essa, portanto, é uma apostasia tão completa, que toda a piedade foi extinta”.¹¹⁷

5. *Trabalham de modo iníquo destruindo o povo* (4). “Acaso, não *entendem* (יָדַע) todos os *obreiros* (פֹּעֵל) da *iniquidade* (אִוִן), que *devoram* (אָכַל) o meu povo, como quem *come* (אָכַל) pão, que não invocam o Senhor?” (Sl 14.4).

Estes se unem porque proliferam rapidamente (Sl 92.7; 92.9);¹¹⁸ são *traídores*¹¹⁹ e, por isso, maquina o mal.¹²⁰ Eles se alimentam (comem,¹²¹ devoram,¹²² esmigalham,¹²³ consomem¹²⁴) do povo (Mq 3.1-3).¹²⁵ A maldade é o seu alimento. “Os ‘malfeitores’ alimentam-se dos ‘desgraçados’ como se

¹¹⁶ *Bondade* (Sl 21.3; 23.6), *bom* (Sl 25.8; 34.9,15), *bem* (Sl 34.11,12; 37.3), *melhor* (Sl 63.3; 118.8,9), *vale mais* (Sl 84.10), *bens* (Sl 107.9).

¹¹⁷ CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 277 (Sl 14.2).

¹¹⁸ Na verdade, este crescimento que enche os seus olhos é enganoso: “Ainda que os ímpios brotam como a erva, e florescem todos os que praticam a iniquidade, nada obstante, serão destruídos para sempre” (Sl 92.7). “Eis que os teus inimigos, Senhor, eis que os teus inimigos perecerão; serão dispersos todos os que praticam a iniquidade” (Sl 92.9). Deus os aborrece: “Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que praticam a *iniquidade*” (Sl 5.5).

¹¹⁹ “Não me arrastes com os ímpios, com os que praticam a *iniquidade*; os quais falam de paz ao seu próximo, porém no coração têm perversidade” (Sl 28.3). “As palavras de sua boca são *malícia* e dolo; abjurou o discernimento e a prática do bem” (Sl 36.3).

¹²⁰ “No seu leito, maquina a perversidade, detém-se em caminho que não é bom, não se despega do mal” (Sl 36.4).

¹²¹ Mq 3.3.

¹²² Jr 50.17; Ez 22.25.

¹²³ Dn 6.25.

¹²⁴ Na 1.10.

¹²⁵ “Disse eu: Ouvi, agora, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel: Não é a vós outros que pertence saber o juízo? ² Os que aborreces o bem e amais o mal; e deles arrancais a pele e a carne de cima dos seus ossos; ³ que *comeis* a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmieuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne no meio do caldeirão?” (Mq 3.1-3).

alimentam do pão. Como quem cumpre um ato biológico cotidiano, como se os outros não fossem homens”.¹²⁶

6. *Ridicularizam os princípios orientadores dos pobres* (6). “*Meteis a ridículo o conselho dos humildes*¹²⁷ ...” (Sl 14.6). Como se não bastasse a exploração e destruição dos pobres, há também um tipo de perseguição no campo das ideias. Os iníquos, por se julgarem muito fortes, não havendo nada nem ninguém acima deles, se sentem livres para praticar todos os atos de maldade. Agora, eles *ridicularizam* (*envergonham*,¹²⁸ *submetem a vexame*,¹²⁹ *confundem*¹³⁰) os projetos dos pobres, daqueles que não podem se defender.¹³¹

Esta é uma atitude comum ao ímpio, conforme nos diz também no Salmo 10:

² Com arrogância, os ímpios perseguem o *pobre* (עני); sejam presas das tramas que urdiram. (...) ⁸ Põe-se de tocaia nas vilas, trucidando os inocentes nos lugares ocultos; seus olhos espreitam o desamparado. ⁹ Está ele de emboscada, como o leão na sua caverna; está de emboscada para enlaçar o *pobre* (עני): apanha-o e, na sua rede, o enleia. ¹⁰ Abaixa-se, rasteja; em seu poder, lhe caem os necessitados (Sl 10.2,8-10).

O insensato aqui descrito usa de todos os recursos que lhe vem à mão para destruir, dominar, intimidar e ridicularizar o crente fiel. A motivação primária é o seu ódio a Deus e a tudo que pareça negar a sua cosmovisão. Deste modo, ele se vale de técnicas diferentes conforme as circunstâncias. Se não for possível perseguir, ele não o fará diretamente; porém, há formas alternativas como a zombaria, o isolamento intelectual ou o esquecimento, que não deixam de ser tipos de sanção.

Quanto a estas e outras formas de discriminação intelectual, precisamos permanecer firmados na Palavra, prontos a testemunhar de forma teórica e prática a respeito de nossa fé procedente da Escritura. A instrução de Pedro

¹²⁶ SCHÖKEL e CARNITI, *Salmos I: salmos 1-72*, p. 258.

¹²⁷ עני (“necessitado”, “fraco”, “pobre”, “afrito”, “humilde”). Indica alguém que está indefeso, sujeito à opressão. Ver: COPPES, Leonard J. ‘Ānā. In: HARRIS, R. Laird et. al. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1145-1146.

¹²⁸ Gn 2.25; 2Sm 19.5; Sl 25.2, 3 (duas vezes); 119.46.

¹²⁹ Sl 6.11.

¹³⁰ Sl 22.6.

¹³¹ “... Nada parece mais ilógico aos sentidos da carne do que lançar-se nas mãos de Deus quando Ele nem mesmo percebe nossas calamidades; e a razão é que a carne julga a Deus tão-somente pelo prisma do que ela presencia imediatamente o que provém de Sua graça. Portanto, sempre que os incrédulos vêem os filhos de Deus tragados pelas calamidades, eles os invectivam por sua infundada confiança, segundo a impressão que eles têm, e com sarcásticos escárnios se riem da inabalável esperança com que se entregam a Deus, de quem, não obstante, não recebem socorro algum”. CALVINO, *O Livro dos Salmos*, v. 1, p. 284-285 (Sl 14.6).

parece-nos hoje de especial relevância: “Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15). Deus nos dará o discernimento no momento certo.

CONSIDERAÇÕES PONTUAIS

1. Este Salmo, ainda que descreva com maior ênfase a atitude daquele que em sua insensatez nega a existência de Deus, refere-se também à potencialidade para o mal inerente a todo ser humano devido à queda. A depravação total não é uma realidade de alguns, mas de todos nós, pecadores que somos.

2. Viver sem o conhecimento do verdadeiro Deus, forjando os seus deuses, sejam eles produto do intelecto individual ou cultural, é uma forma de paganismo. Isto consiste também em uma forma de ateísmo, não pela falta de deuses, mas por viver sem a autêntica esperança que procede do verdadeiro Deus. O paganismo é uma forma de ateísmo, a negação do verdadeiro Deus. Diz Paulo aos Efésios: “Naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e *sem Deus* (ἄθεος) no mundo” (Ef 2.12). Calvino interpreta corretamente:

Todos os ídolos devem transformar-se em nulidade, visto que não representam nada no seio dos piedosos. Aqueles que não cultuam o verdadeiro Deus, por mais que multipliquem as modalidades de seus cultos, por mais que os ataviem com toda sorte de cerimônias, continuarão sem Deus! Porquanto adoram o que não conhecem. (...) Um ídolo é uma ficção e uma fraude, não é Deidade. (...) Fora de Cristo nada existe senão ídolos.¹³²

3. Deus não é indiferente à maldade. No momento próprio os ímpios em sua presumida paz e prosperidade serão tomados de pavor quando Deus se manifestar (5).

4. Deus não desampara o justo, antes toma a sua causa para si: “Tomar-se-ão de grande pavor, porque Deus está com a linhagem do *justo* (צַדִּיק)” (Sl 14.5).¹³³ “Pois tu, Senhor, abençoaos o *justo* (צַדִּיק) e, como escudo, o cercas da tua benevolência” (Sl 5.12).

5. Ainda que os ímpios tentem ridicularizar as nossas perspectivas provenientes da Palavra, esperando confiantemente em Deus, o Senhor Todo-Poderoso (יהוה) é o nosso refúgio (Sl 14.6). Ele permanece no controle de todas as coisas.

6. Algo extremamente curioso é como, à luz do Salmo 14, a rejeição de Deus envolve a perda da capacidade intelectual para discernir, entender e

¹³² CALVINO, João. *Efésios*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 68 (Ef 2.12).

¹³³ Ver: Sl 34.19,21; 37.25; 75.10, etc.

compreender as coisas espirituais. O pecado é devastador para a nossa mente. Como escreveu Veith Jr.: “Os cristãos nunca têm que temer nada que seja verdadeiro, mas eles precisam temer o pecado. O pecado não pode destruir uma pessoa apenas espiritualmente, mas também intelectualmente. O pecado é antiintelectual”.¹³⁴ Isto faz completo sentido. Se todo o conhecimento parte de Deus, que inclusive dá sentido à realidade, a negação de sua existência gerará, inevitavelmente, um distúrbio intelectual que afetará a nossa capacidade de conhecer o significado ontológico das coisas e, portanto, existencial do real. Sem Deus a vida é nula de sentido. “Para se viver com significado, é necessário descobrir a verdade, descobrir a realidade; uma vez descoberta, temos de viver em fidelidade para com a verdade. A integridade e a busca da verdade andam de mãos dadas”.¹³⁵ Por isso, somente a fé cristã pode nos possibilitar viver com integridade e beleza. Conhecemos o real, o seu significado e o propósito de todas as coisas (1Co 15.19; 2Co 4.18): “A vida do cristão deve ser algo verdadeiro e belo em meio a um mundo perdido e desesperado”.¹³⁶

7. O antídoto para não sermos seduzidos pelo caminho do mal, é o apego irrestrito à Palavra de Deus. Daí a oração do salmista em contextos diferentes: “Firma os meus passos na tua palavra, e não me domine iniquidade alguma” (Sl 119.133). “Não permitas que meu coração se incline para o mal, para a prática da perversidade na companhia de homens que são malfeitores; e não coma eu das suas iguarias” (Sl 141.4).

8. Quando Deus executar o seu juízo haverá alegria definitiva entre o povo de Deus (Sl 14.7). Como filhos da eternidade que somos, aguardamos com doce alegria o dia da volta de Cristo, quando o Senhor consumará definitivamente a nossa salvação. Esta é a razão de nossa alegria hoje no Senhor (Fp 4.4).

9. Nós, como Israel de Deus, devemos orar pela salvação definitiva do seu povo quando Cristo retornar em glória. “... Quando o Senhor restaurar a sorte do seu povo, então, exultará Jacó, e Israel se alegrará” (Sl 14.7). Somos totalmente dependentes da graça de Deus: a salvação pertence a Deus.

10. Uma pergunta que sou constrangido a fazer a mim mesmo e a meus leitores é a seguinte: nós, como cristãos, não somos, vez por outra, conduzidos por uma prática que se configura como um *ateísmo prático*?¹³⁷ Ou seja:

¹³⁴ VEITH, JR., *De todo o teu entendimento*, p. 72. Ver também: SCHAEFFER, Francis A. *Morte na cidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 12.

¹³⁵ COLSON, Charles; FICKETT, Harold. *Uma boa vida*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 174.

¹³⁶ SCHAEFFER, Francis A. *A arte e a Bíblia*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2010, p. 76. “Nenhuma obra de arte é mais importante que a própria vida do cristão e todo cristão deve ser preocupar em ser um artista nesse sentido”. *Ibid.*, p. 76.

¹³⁷ “O ateísmo *prático* é a atitude daqueles que dizem crer, mas na realidade vivem como se não cressem, numa plena indiferença religiosa e numa vida completamente materialista, desprovida de qualquer compromisso com a Transcendência”. MONDIN, *Quem é Deus?*, p. 130. “... um ateu prático pode até acreditar que existe um ser supremo, mas vive como se não existisse nenhum Deus”. POJMAN,

cremos em Deus, contudo, vivemos, escolhemos e decidimos como se ele não existisse? Creio que uma resposta sincera a esta questão nos conduzirá a uma confissão e súplica por perdão a Deus.

11. Somente pelo Espírito Santo o homem descrito neste salmo – que potencialmente somos todos nós, se deixados entregues aos nossos pecados – poderá se transformar no homem do Salmo 15,¹³⁸ aquele que crê em Deus e deseja habitar permanentemente em sua casa.

ABSTRACT

Costa analyzes religion among the Greek, showing the absence of proven atheism, which was considered a “disease”. In light of Psalm 14, he analyzes the origin of atheism and some of its characteristics and intellectual, spiritual, and ethical implications. One of the conclusions is that if every knowledge comes from God, the denial of God’s existence will inevitably produce an intellectual disturbance that will affect our ability to know the ontological meaning of things and therefore the existential knowledge of what is real. Without God life is devoid of meaning. He also warns us about the danger of the practical atheism practiced by Christians and reasserts the certainty that the universe in which we live has an attentive God who directs history in a holy, righteous, and merciful way.

KEYWORDS

Atheism; Theism; Knowledge of God; Religion; Greek religiosity; Ethics.

Louis P. Ateísmo. In: AUDI, Robert (Org.). *Dicionário de filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 54.

¹³⁸ Devo esta observação a Bevan. Ver: BEVAN, Walter T. *Libro de los Salmos*. Llavallol: Fundacion Cristiana de Evangelizacion, 1976, v. 1, p. 105.